

Certo dia, acordei de mau humor – resquício de uma noite mal dormida. Peguei o carro, e então fundiu o motor. Segui para o metrô, enfurecido.

Tentei continuar com minha lida, mas fiquei presa num elevador. Neste compartimento sem saída, passei horas de angústia e de terror, e saí sob o som de um bate-estaca. Depois, no meio de um supermercado, senti a dor de um burro quando empaca.

Foi aí que vi, quase do meu lado, irônicos dizeres numa placa: “Sorria. Você está sendo filmado!”

Renata Paccola Frischkorn, fone (011) 3862-8747
Rua Cafelândia 53, CEP 01255-030 – São Paulo, SP
Azar, de Tempo, João Scortecce Editora, 1998

Nossa amizade é um elo tão constante, que às vezes, sem querer, despercebido, passa correndo, como um som distante em mensagem sutil ao nosso ouvido.

É como um convívio feliz, que nos garante companheirismo sempre bem vivido, um convívio espontâneo, que é o bastante para fazer, dos dois, um povo unido.

Quando o Monte Pascoal foi avistado, e quando as caravelas aportaram, já existia esse mito consagrado...

que, em fazendo dos mares um só nível, brasileiros e lusos se afirmaram irmanados num laço indestrutível...

Alba Christina Campos Netto, Já Estava Escrito, em Fanal 0012

Infiltrava-se a fraca luz da lua na penumbra do quarto em que eu dormia, e por ela, eu, surpreso, distinguia a minha bela amada, toda nua...

O desejo que em seu peito flutua, se espelhando nos olhos, em magia, faz tremer os seus lábios... balbucias: – O meu corpo pertence-te, sou tua...

Lentamente, abeirando-se do leito, o alvo corpo de traços divinais, vem, sem pejos, deitar onde me deito.

E de uns seios em forma de punhais, sentindo o toque suave no meu peito... Abro os olhos... Um sonho... Nada mais!

Anis Murad Lasmar (1904-1962), Sonho; em Ecos do Silêncio, 1996 – Obra Póstuma, Coordenação de Jorge Murad

Março muito quente e suas águas caindo sem pressa de fim.

Alba Christina

Na ponta do galho, exibindo o colorido, pendura-se a arara.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Goiaba na relva. Bichinhos tomando sol na polpa madura.

Darly O. Barros

Faz sol no jardim. A libélula na folha, asas iridescentes...

Djalda Winter Santos

Noite de luar. Uma estrela cadente mergulha do céu.

Helvécio Durso

Pescaria calma. Um risco de ouro nas águas... – Dourado na linha!

Humberto Del Maestro

Um barulho estranho. Acesa a luz... de repente... o salto de um grilo.

Maria Reginato Labruciano

CONSELHEIRO JOSÉ CORRÊA PICANÇO (Fundador do Ensino Médico no Brasil)

Jorge Picanço Siqueira e Maria Aparecida Picanço Goulart, de Centenário de nascimento de Maura Picanço Siqueira (Dona Deusinha), 2002

No dia 18 de fevereiro de 1808 o Príncipe Regente assinou, por inspiração do Dr. José Corrêa Picanço, a Carta Régia que criou o ensino médico no Brasil. Esse documento foi destinado ao Governador da Baía, Conde da Ponte, por intermédio de Dom Fernando José de Portugal, Marquês de Aguiar.

Foi, portanto, o Conselheiro José Corrêa Picanço, que mais tarde recebeu o título de Barão de Goiana, o fundador, há 194 anos, do ensino médico no Brasil.

José Corrêa Picanço, filho de Francisco Corrêa Picanço, nasceu no dia 10 de novembro de 1745, em Goiana, Capitania de Pernambuco. Seguindo os passos de seu pai, dedicou-se ao exercício da Cirurgia e com 20 anos de idade foi nomeado, em 1765, pelo Conde de Villa Flor, Cirurgião do Corpo Avulso de Oficiais de Ordenanças das Estradas e Reformados.

Desejando aperfeiçoar-se em cirurgia, embarcou para a Europa, matriculando-se em Lisboa na Escola Cirúrgica do Hospital São José onde trabalhou com uma das maiores expressões da cirurgia da época, o Professor Manuel Constâncio, por quem foi encaminhado para aperfeiçoamento em Paris no ano de 1767, quando havia completado 22 anos.

Em Paris foi discípulo dos mestres Desault, Sebatier e Moraud, recebendo no ano seguinte o título de *Officier de Santé*. Lá, conheceu Catarina, filha de Sebatier, casando-se então.

Após uma permanência de 5 anos na França regressou em 1772 a Lisboa, onde foi o reformador do ensino de anatomia que era dirigido de forma deficiente na Universidade de Coimbra pelo italiano Dr. Luis Cichi. Antes de Picanço o estudo de anatomia era mais teórico, com poucas demonstrações práticas em animais. Com ele iniciou-se o estudo eminentemente prático em cadáveres humanos.

Today, houve um empecilho para o Conselheiro Picanço. É que os *Officier de Santé* não possuíam o título de Doutor em Medicina, o que o constringia perante os colegas de magistério. Por isso, Picanço retornou a Paris onde conquistou, após brilhante defesa de tese o tão desejado e necessário diploma de Doutor em Medicina.

Assim, em 1789, voltando a Portugal, já Doutor em Medicina, assumiu a Cadeira de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Obstetrícia da Universidade de Coimbra.

Mas, José Corrêa Picanço continuaria em ascensão vertiginosa. Foi nomeado Cirurgião-Mor do Reino e, a seguir, Membro da Real Junta do Protomedicato.

Em 1791, D. Maria I teve sua enfermidade agravada. Picanço foi membro da junta que decidiu seu afastamento do governo, continuando seu médico até que ela veio a falecer.

Napoleão Bonaparte decretou em 1807 o Bloqueio Continental. Só restou um caminho para D. João: o Brasil. No dia 29 de novembro daquele ano, à frente de milhares de portugueses partiu para o Brasil. Junto esta o Conselheiro.

Um incidente, tempestade violenta na altura da Ilha da Madeira, modificou o itinerário da frota que dividiu-se. Com D. João, Picanço chegou à Bahia no dia 24 de janeiro de 1808, e por sua inspiração o Príncipe Regente assinou a Carta Régia que criou o ensino médico no Brasil, fundando a Escola Cirúrgica da Bahia. A seguir, em 2 de abril de 1808 foi também fundada a Escola de Anatomia e Cirurgia do Rio de Janeiro.

José Corrêa Picanço foi o autor da primeira cesariana, com sobrevivência do recém-nascido, realizada no Brasil.

O título de Barão de Goiana foi-lhe outorgado em 26 de março de 1821.

O Conselheiro José Corrêa Picanço, Barão de Goiana, fundador do Ensino Médico no Brasil, faleceu em 1824.

Indo à feira todo dia pra comprar milho quebrado, certa vez, lá no mercado, um senhor assim dizia:

– Desculpe minha pergunta: que gaiolas você tem? para mim, todo o xerém desta feira, você junta...

– Pergunta bem, cidadão. Gaiola só tenho uma e ademais, lhe digo, em suma, que inda é pouca essa razão.

– Perdoe-me por eu descrever. Pois, esse seu gaiolão, é na espécie uma prisão, que eu gostaria de ver.

– Vejo que agora se encerra o seu pequeno embaraço. Minha gaiola é o espaço, que medeia céu e terra.

Raul Pereira Monteiro, Engano...

Ó noite, tu me confortas com a tua quietude... Não fosse, não fosse o dia, ó noite! eu seria tua.

Seria, seria estrela. Seria talvez a lua! Não fosse, não fosse o dia, ó noite! eu seria tua.

Zilma Ferreira Pinto, Modinha

Em frente das Três-marias vi uma estrela brilhando parecia que sorria que sorria namorando aquela estrela brilhando em frente das Três-marias.

Mais que nas outras me via naquela estrela brilhando p'ra todo mundo sorria parecia namorando aquela estrela brilhando em frente das Três-marias.

Dei um giro pelo mundo... fui ver se ainda sorria vi uma estrela chorando... em frente das Três-marias.

Em frente das Três-Marias vi uma estrela chorando... Perguntei: “Quem é aquela estrela que está chorando?” – Aquela estrela chorando, respondeu u’a Maria, aquela estrela chorando era a mesma que sorria.

Zilma Ferreira Pinto, Estrela da Vida

Eu costume repetir o que sempre ouvi dizer: quem não vive pra servir não serve para viver.

Eslu Eloy, Conselho

Andei deixando este outono onde passei apenas uma vez.

A alvorada do galo cedo interrompendo meu sono.

Quis me ver trincando folhas secas sob os pés descalços, quis ver por dentro o casulo de seda onde eu dormia.

– Tomei da ave a sua nostalgia: pagar por penas que caíram em vôo.

Barroco trombone inversa retorta vulcão que comporta migalhas de fumo versão indecisa de mastro sem barca minúscula arca de flauta sem som efusa corola de vício e madeira que à boca desperta cadinho que funde auréolas de nuvens no ecúleo de cinzas.

Soneto do Cachimbo

Não andas só eu sou o aprendiz da arte milenar das tuas crenças densas raízes descobrindo as copas deduzindo na manta de alabastro a quem pertence a chuva que te molha.

Ao rio que a recolhe? À vinha que a espera? Brindamos. A salsa, a saga o fogo apago-o com o vinho que a vinha deu após a chuva ou foi o rio que a deu após bebê-la?

Préambulo

Te respiro. Te bebo como Sócrates, que de suave vinho assaz e ameno, ergueu a taça de fatal veneno, sob o engano de sua própria taça.

Te respiro. E quando assim te expões, te vejo garça que te espelha e imita sobre o espaço escuro em que transita abstrata e fugaz coreografia.

Te bebo o engano. E o néctar que sorvo é a um tempo frugal e desatento: se dissipa no seu próprio momento.

Te bebo e te respiro. E esse veneno que vem contigo quando é branca a garça goteja do teu corpo sobre a taça.

Engano

Jacob Ohana, de Cotidiano das Ruas e dos Entes, 1998 – Fax do Autor: (021) 541-4019

T E M P O

Ele se viu só, entre quatro paredes. Quatro paredes brancas. E uma porta trancada.

Não havia nada mais ali. Só ele e as quatro paredes brancas. E a porta fechada.

Ele se sentiu só. Mas com muito espaço.

No começo ele achou aquilo muito triste. E sentiu medo. Medo de não poder sair. Medo de que alguém entrasse.

Dai ele começou a lembrar... O que foi mesmo que a mamãe falou? Então ele achou tudo muito engraçado. E riu. Riu até chorar... Ah, aquela menina do baile... quantas saudades!

Então ele se certificou de que estava só. Chorou. Depois riu. E enlouqueceu.

Aquela criança, pobre criança, recebeu um brinquedo de presente, e atirou-o ao chão.

Que diferença da minha infância!

Só quando ouço tua voz é que começa o meu dia propriamente dito.

Quisera ser uma estrela ou o sol de cada manhã, quisera ser o vento ou a mais linda paisagem, para poder enfeitar sua vida, iluminá-lo em seus caminhos, brilhar em suas noites vazias, e tocar-lhe onde quer que você esteja.

Renata Paccola Frischkorn, fone (011) 3862-8747
Rua Cafelândia 53, CEP 01255-030 – São Paulo, SP
de Tempo, João Scortecce Editora, 1998

No meio da tarde com horário de verão, cheirinho de janta.

Minha ilusão começa bem cedinho: “Será que o sol virá me receber? Qual vai ser, neste dia, o meu caminho?” Sem nada de especial acontecer, vejo meu dia inteiro transcorrer. Às seis, me envolvo

num redemoinho! Contudo, quando vem o anoitecer, No aconchego do lar, enfim, me aninho. Quisera ser o vento, Espero uma possível companhia; quem sabe alguma festa de expressão... Mas esqueço o desejo de folia, conservando uma última ilusão: poder ver, no final de mais um dia, um belo filme na televisão!

Ilusão

Autores Parahybanos 99, contato: Maria do Socorro Xavier; fone (0183) 244-5368
Caixa Postal 3064, Tambaú, 58039-970 – João Pessoa, PB

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) OUTONO		
Bica... o pica-pau, os gravetos da suinã, fazendo seu ninho. Alison Cardoso de Oliveira	Bando de tucanos nos acenam com o bico... o Zoo vai fechar. Guim Ga	Filhote adotado no Dia dos Animais... — Soipa agradece. Maria Madalena Ferreira
No Mato singular gotas do orvalho cintilam ante o sol nascente. Alba Christina	O bando em harmonia gorjeia nas alturas. Hélcio Durso	Qual pepita enorme, brilhando sobre o azul da água, dourado físgado. Maria Resinatô Labruciano
Pica-paus, eretos, sorvem larvas e besouros, junto ao tronco da árvore. Amália Marie G. Bornheim	Caqui amarelo, sob o céu azul e branco, no arbusto verde!... Hermoclydes S. Franco	Caqui maduro no verde das árvores. Bolas de natal. Nadyr Leme Ganzert
Vestido de folha, um louva-a-deus na roseira está camuflado. Angélica Villela Santos	Longe, solitária, a árvore-do-viagante. Enfim, o descanso. Héron Patricio	Produtor feliz aguardando a hora certa: dia da vindima. Olga Amorim
De olhos fechados, o menino saboreia um rubro caqui... Djalda Winter Santos	Em matagalfose a libélula pousando na lapela do noivo! João Elias dos Santos	Acogel resquinha da horta para a bacia. Casa do interior. Renata Paçola
Caem águas de março, levam pra longe o calor. Que aragem divina! Edel Costa	Jogadas no rio, escamas caindo lentas. Sardinhas à mesa. Larissa Lacerda Menendez	Sorrisos no escuro, o hábito das goiabas. E as águas de março. Roberto Resende Vilela
Ponças já maduras até onde a vista alcança, cobrem as colinas. Elen de Novaes Felix	Tucano vaidoso: tá mais pra urubu e imita a pose da arara... Lávia Lacerda Menendez	Vou descendo a serra. Nas folhas amareladas o adeus ao calor. Sergio de Jesus Luizato
A pista molhada libélula sobrevoa enquanto o sol dorme... Erey M. M. de Faria	O clarão da lua jogou pedaços de espelho no manto do mar. Leda Mendes Jorge	No manguê, o caranguejo caiu na armadilha. Sérgio Serra
Que espanto, não é? Anciãs — ala das baianas — com samba no pé. Fernando L. A. Soares	Arara se ajunta a crianças na varanda. Conversa em família. Leonilda Hilgenberg Justus	Quentinho no prato. Com a boca cheia d'água provo do pinhão... Walma da Costa Barros
A nuvem desceu. Gafanhoto sobre a roça. Roça?... mas que roça? Fernando Vasconcelos	Do jardim do prédio jasminero manda cheiros. Passantes noturnos. Manoel F. Menendez	O clarão da lua iluminando a varanda. Ajuda econômica. Yedda Ramos Maia Patricio



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 28.02.03, quigos à escolha:
Dia da Sogra, Neblina, Pinha (Fruta-do-conde).

Remeter até 30.03.03, quigos à escolha:
Atum, Cipó-de-são-joão, Noite de São João.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu motivo principal: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afirm de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL * – TREVO PERSONAGEM *

A foto do avô * à beira-rio rindo alegre... Soberbo dourado! Guim Ga	É boca-de-pito. * Café coado na hora, antecede a prosa. Olga Amorim
Chaleira no fogo. * Antes do café na mesa, caça perfumada. Humberto Del Maestro	Baixela de prata. * Majestade adormecida – dourado adornado. Teruko Oda

HAICUS EM FOLHA

Na pedra molhada vai pequeno caramujo. Rastro cor de prata. Djalda Winter Santos	Canteiro de alfice. Um caramujo tecendo toalha de renda. Olíria Alvarenga	Na sombra do muro pequenos copos-de-leite crescem em fileira. Sérgio F. Pichorim
Antenas ligadas, carregando a própria casa – lento caramujo. Humberto Del Maestro	Casa pequenina sob as folhas de um alfice... lar de caramujo. Elen de Novaes Felix	Na casa de praia, buganvília pelo muro florindo a pintura. Regina Célia de Andrade
Casa de praia lotada à espera do sol. Renata Paçola	entra e sai em disparada, crianças em férias. Cecy Tupinambá Ulhôa	tirando um cochilo o sol balança na rede... Darly O. Barros
Vaso de cristal. Ramo de copo-de-leite num clima de festa. Cecy Tupinambá Ulhôa	Na ala do canteiro transbordando a luz da lua, os copos-de-leite. Anita Thomaz Folmann	Prima comunhão mãozinhas negras seguram um copo-de-leite. Maria de Jesus B. de Mello
Presença da paz no altar da igreja, enfeitado, de copos-de-leite. Elen de Novaes Felix	No vai-vem das ondas, caramujos vão ficando soltos na areia. Alba Christina	Suaive marulho ecoa de um caramujo e o mar tão distante... Darly O. Barros
Na sepultura encardida, um copo-de-leite! Humberto Del Maestro	O cheiro do mar, chocalha as cortinas da casa de praia. Amauri do Amaral Campos	O sol da manhã o rastro do caramujo da noite de ontem. Sérgio F. Pichorim
Fugindo da enchente, caramujo escala o muro... com a casa às costas. Maria Madalena Ferreira	Com flores tão brancas, o ramalhete da noiva, são copos-de-leite. Maria App. Picanço Goulart	Traz o caramujo dentro de si marulhar. Tempo de criança. Jorge Piccano Siqueira
Vivendo na casa, dorme tranqüilo, sem medo. Feliz caramujo! Maria App. Picanço Goulart	Grandes caramujos no canteiro de espinafre comendo até os talos. Olíria Alvarenga	Na casa de praia corre esperta lagartixa. Pernilongo à vista. Regina Célia de Andrade
Dia de Fimados... bebedouros na varanda: três copos-de-leite. Darly O. Barros	Enfeitado o sacário, E um caramujo é chutado na areia da praia. Analise Feitosa de Lima	Enfeitado o sacário, copo-de-leite na jarra; devotos contritos. Olga dos Santos Bussade
Sobre a folha verde, repousa um copo-de-leite. Beija-flor chegando. Regina Célia de Andrade	Sob a leve brisa, dança a grama do jardim da casa de praia... Elen de Novaes Felix	Um copo de leite derramado sobre a mesa. Guri buliçoso. João Batista Serra

H A I C U : U M A A R T E P A R A T O D A S A S E S T A Ç Õ E S

Soichi Furuta, em Japan – An Illustrated Encyclopedia; Kodansha, 1993

Em 1985 minha estudante de 12 anos, Regina Mylan aproximou-se de uma fina definição de haicu. O haicu é a mais simples forma de poesia do mundo; nos olhos de alguns, a mais profunda. Sua forma concisa, pode ser também a mais árdua. Possivelmente o haicu seja fácil de aprender, mas difícil de se dominar. Para alguns pode ser brincadeira de criança, mas para outros uma vitalícia disciplina.

O processo criativo de escrever um haicu envolve acionar a natureza por um evento ou objeto compartilhando com outros. É definido como uma poesia não rimada, escrita na forma 5-7-5 sílabas, usualmente em três versos. Submete-se à predominância da natureza e experiência da vida. Visto as diferenças fonéticas entre a língua japonesa e inglesa, a rígida lealdade aos 5-7-5, não é rigorosamente obrigatória. Igualmente para estética ou experimentos propostos, alguns poetas americanos adotaram um único verso, forma também usada no Japão.

O mais famoso poeta de haicu, Matsuo Bashô (1644-94), disse uma vez: “Se quiser aprender sobre o pinheiro, vá ao pinheiro. Se quiser aprender sobre o bambu, vá ao bambu. Quando você e o objeto tornarem-se um, sua poesia sai em concordância com o próprio.” Ir à fonte, à origem, é o primeiro e rotineiro exercício de todo poeta de haicu.

Bashô foi um dos maiores observadores das “coisas” e descobridores de suas realidades.

Como o haicu a seguir demonstra, ele foi humildemente atento a todo universo criativo da natureza:

*Yoku mireba
nazuna hana saku
kakiné kana*

Percebo,
debaixo da cerca,
o florir do cardo.

O processo adequado de se trazer algo com essência, com total profundidade, é o coração do haicu. Para Bashô, nada era suficientemente pequeno ou grande. Seu olho discernido e mente disciplinada podia penetrar em minúscula flor ou na imensidão. Este haicu mostra a extensão da sua visão:

*Araumi ya
Sado ni yokotau
Amanogawa*

Ressaca no mar.
Próxima à Ilha de Sado
a via-láctea.

Esse tipo de poesia osmose não se restringe ao haicu apenas. Wallace Stevens, William Carlos Williams, e Ezra Pound, por exemplo, tentaram também realizar uma visão imersa em concreta realidade. Considere-se os seguintes versos do poema de Stevens “30 Maneiras de Olhar Uma Ave Preta”:

Entre 20 montanhas nevadas a única coisa movendo-se era o olho do pássaro negro.

Pequeno rearranjo, estes versos tornam-se instantaneamente haicu:

Haicu, o mais profundo sentimento com simplicidade.

Nos montes nevados, uma só coisa se move. O olho do pássaro.

Com o “20” (elemento avulso coerente a poema ocidental) cancelado, a perspectiva do promontório descortina o contraste com a minúscula partícula do olho em movimento.

Como Bashô certa vez escreveu, “Um haicu revelando 70 a 80% do seu exposto é bom. Revelando 50 a 60 por cento nunca nos entenderá.” Isto é próximo ao todo que o haicu aborðará. Haicu não é o que ele diz, mas o que nele é sugerido e despertado. Seu poder e beleza existe na habilidade de capturar a essência de algo em somente uns poucos versos.

Haicus são conhecidos pela sua sutileza e falta de sentimentalismo. Não há espaço para adjetivos superficiais. Assim, quando você deseja expressar senso de solidão, evite adjetivos óbvios como “ermo” e “solitário”. Tais elementos devem ser sugeridos por imagens justapostas que induzam a um sentimento de solidão. Vamos examinar outro haicu de Bashô:

*Kono michi ya
yukuhito nashini
aki no kure*

Por este caminho
nenhum viajante.
Anoitecer outonal.

Aqui temos uma grande solidão, um quase

cósmico abandono. A frase sazonal *akino kure* tem duplo significado: “noite de outono” e “outono anoitece”; despertam desolação.

Sumário: Muitos grandes poetas de haicu no Japão consumiram suas vidas em busca de imagens, uns como mendigos, alguns como excursionistas e outros como o próprio Bashô, como mestre itinerante de haicu. Ele escreveu:

Tabi ni yande Doente na viagem
yume wa karenô o meus sonhos mantêm o curso
kakemeguru à débil chegada.

Alguns poetas nunca deixaram seu lar, porém produziram ricas imagens dentro de casa e à sua volta. Masaoka Shiki (1867-1902) foi um deles:

Nemuran to su Tentando dormir...
nanji shizukani favor: mate o pernilongo
hae o ute sem fazer barulho.

Portanto, a vida nos oferece ilimitadas imagens que podem ser submetidas dentro de um haicu. Mas, como capturar essas imagens? Como crianças, nós precisamos reaprender quanta experiência prodigiosa da nossa vida diária. As crianças têm a dádiva da perspicácia: seus inocentes olhos discernem a verdade da natureza e os exaltados momentos alumiados. Nós adultos precisamos descobrir o longo abandono, desarrolhando a nascente imagem – visual e mental – abundante no aqui e agora.

(conclui no próximo número)

N E S T A P A R T E . . .

Dan Gookin, de Word 95 para Windows Para Leigos, tradução Betina Bastos Fernandes, 1996; Berkeley Brasil Editora, Av. Raimundo Pereira de Magalhães 3305, CEP 05145-200 – São Paulo, SP, fone (0 11) 3832-8039, fax (0 11) 3836-1342

Quando a empresa Smith-Corona, que fabricava máquinas de escrever, falhou recentemente, seus integrantes esforçaram-se ao máximo para não colocar a culpa no Computador. Foram levantadas todas as causas possíveis para o fato, desde “Sabe como é, o lápis ainda não se tornou obsoleto” até “Os computadores demoram mais para iniciar” e, finalmente, “Muitas pessoas preferem utilizar máquina de escrever, por causa da satisfação que experimentam ao arrancar um papel da máquina, amassá-lo e começar tudo de novo”. Mas será que a humanidade sentirá falta da máquina de escrever? Tenho minhas dúvidas.

A verdade é que usar um processador de texto para organizar seus pensamentos e traduzi-los em palavras é mais fácil – talvez não em uma folha de papel, mas em algum outro lugar. Com certeza, podemos chorar de saudades dos frascos de líquido corretivo, lastimar a falta da melodia eletrônica produzida pelo motor da máquina de escrever e sofrer com a perda daquele “clicque, clicque” que se ouvia quando o tipo batia no papel. Mas sejamos realistas. Uma máquina de escrever é brinquedo de criança, se comparada ao processador de texto. Tenho certeza de que as pessoas também sentiriam falta de

gravar seus escritos na pedra quando o papel foi inventado; mas, após alguns anos, quem ligava para isso?

Se você já viveu no inferno das máquinas de escrever, bem-vindo ao paraíso dos processadores de texto. Esta parte do livro descreve algumas das tarefas básicas de processamento de texto que você pode realizar com o Microsoft Word. Tudo é explicado de maneira tão clara e inteligente, que você logo irá se esquecer do prazer de arrancar uma folha da máquina de escrever (o que, aliás, geralmente significava que você não havia gostado do que escrevera).

